

APRESENTAÇÃO

Processo declaradamente moderno e sobretudo vanguardista na sua origem plástica, a colagem marcou de forma decisiva o andamento artístico das primeiras décadas do século XX, tendo tido expressões marcantes mas diferenciadas nas estéticas cubista, expressionista, *dada* e surrealista, entre outras. Promovendo uma rehierarquização dos materiais mediante a sua associação insólita, bem como um enaltecimento das diversas estratégias de apropriação, a colagem não só proporcionou uma reproblemática crítica das relações da arte com o mundo, como o fez ainda relativamente aos conceitos de autoria e autoridade, transgredindo em definitivo as fronteiras entre materiais, campos artísticos, géneros, discursos e práticas criativas. Neste sentido, a colagem converteu-se naturalmente num procedimento elementar e agenciador para a própria escrita poética, no seio da qual teve um impacto flagrante no plano da criação, mas também no da reflexão crítica. À entrada do século XXI, a colagem apresenta-se claramente como uma das manifestações mais emblemáticas e sistemáticas da complexa rede de vínculos intermediais que tem pautado a produção poética, conforme se tem tornado patente em várias exposições, publicações e equacionamentos teórico-críticos por parte de vários artistas e pensadores.

Em função disso, este número da *eLyra* pretende justamente associar-se a essas práticas recentes, mediante a proposta de uma reflexão conjunta sobre um fenómeno cuja terminologia e cujas fronteiras teórico-críticas permanecem difíceis de estabilizar. Consagrados na sua maior parte a obras poéticas específicas, os ensaios aqui reunidos estudam a colagem quer como procedimento que exige uma cogitação sobre o exercício da

intermedialidade (no sentido da originária *collage*), quer como procedimento que requer uma ponderação sobre os limites verbais da citação e da intertextualidade.

O vínculo problemático entre as linguagens plástica e poética e a justaposição de elementos díspares são discutidos a partir da obra de um dos primeiros praticantes da colagem literária, Guillaume Apollinaire; a colagem nas vanguardas históricas é abordada com base na leitura da obra de poetas de algum modo ligados ao surrealismo ou às suas metamorfoses em terras portuguesas e brasileiras, como fica patente nos artigos sobre Jorge de Lima, Murilo Mendes ou Mário Cesariny; uma manifestação mais recente, na obra de Torquato Neto, se vale do conceito de Antropofagia de Oswald de Andrade, num gesto de revisitação e reapropriação do Modernismo brasileiro; entre os poetas portugueses estudados, a colagem parece ter sido intensivamente praticada na segunda metade do século XX, tendo tido nos poetas ligados à Poesia Experimental um dos seus momentos mais fecundos: disso dão testemunho os textos sobre Ana Hatherly e António Aragão; por fim, na obra de poetas da actualidade, parece verificar-se que a colagem, malgrado a sua tradição na constituição da arte moderna, tem sofrido novas inflexões: é o caso da obra de Alfonso López Gradolí, mas também de Josely Vianna Baptista, Pedro Mexia e Rui Pires Cabral.

O número 7 da revista *eLyra* tem ainda a honra de contar com a colaboração inédita de poetas e artistas portugueses e brasileiros da maior importância neste domínio, que muito generosamente contribuiram com poemas, colagens, poemas-colagens ou depoimentos – transitando na fronteira entre o testemunho, a carta e o ensaio –, dando assim a maior prova da multiplicidade e viveza dessa expressão artística tão cara à nossa contemporaneidade.

Joana Matos Frias
Sofia de Sousa Silva